

## MINI "SINANTOLOGIA 2"(9)

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

Com uma "Não Apresentação" de Horácio Didimo (tudo é assim, mais ou menos insólito, na literatura de vanguarda de hoje), Rogério Bessa publicou há pouco tempo o seu livro de estréia, *Poesia em 2 Tempos*. Antecipando-se a essa edição, que pode ser considerada feliz e sobre a qual devemos nos pronunciar noutra ocasião, incluiu ele dois poemas (do volume) nesta *Mini-SinAntologia*: "quadro negro" e "elegia do coentro", este um verdadeiro achado e que por isso mesmo merece ser transmitido ao leitor:

*o canteiro não o faz mais verde  
namoram-lhe as sementes os pássaros  
cuidado de mulher o ajeita  
do vento que o entortou*

*vegetal de vida útil e breve  
que nasce verde e verde morre  
não lhe será longa a vida  
as folhas amarelecendo*

*coentro, tempero de alguns  
destempero de si próprio  
utilidade verde da vida  
brevidade verde de si mesmo.*

Ninguém até hoje, ao que eu saiba, definiu melhor o mistério, a tremenda e insuspeitada precariedade dessa "planta medicinal e condimentar, da família das Umbelíferas", como rezam, friamente, os dicionários, sem o mais leve espírito metafísico. Mas, azar, vem o poeta e descobre tudo.

## POESIA E DESNATURAÇÃO EM ROGÉRIO BESSA

Pedro Lyra

A poesia de Rogério Bessa apresenta uma nítida divisão. Não a divisão meramente formal dos tempos um e dois do livro de estréia,<sup>1</sup> mas a divisão estilística do conjunto de sua obra até aqui:<sup>2</sup> nessa obra, temos, no primeiro momento, o *discursivo crítico*, consistente numa tentativa de apreensão da

realidade do mundo contemporâneo; e, no segundo momento, a *experiência vanguardista*, determinada pela adesão do poeta à linha práxis, composta de poemas comprometidos mais diretamente com a linguagem.

Sem que isso implique uma não-evolução, mesmo porque a sua técnica aperfeiçoou-se, a sócio-visão que RB manifesta no seu primeiro livro não se modificou nos dois seguintes: apenas, ela não é tão clara nestes últimos. Essa visão é fornecida num poema de título duvidoso:

*O mundo não é cinemascopo colorido,  
O mundo é um dia chuvoso, estrito, sem perspectivas,  
sem horizontes, sem ter para onde a gente ir,  
encurralado em casa com aquele cheirinho de chuva abusado,  
com aquele cheirinho de rede mofada e fria.*

*Com um dia de chuva, sim, é que se pode parecer o mundo,  
com muita capa-de-chuva, muito guarda-chuva,  
muitos sapatões metidos em galochas,  
o chiar da chuva e o lepo-lepo de sandálias japonesas  
nas calçadas ensopadas.*

*O mundo, bem se vê, não é um dia sol de primavera,  
de landscapes belissimos de regiões estrangeiras;  
o mundo é um dia como esse de hoje, 28 de fevereiro de 1967,  
tudo cheirando a chuva e esse barulho danado  
do velho ventilador neurastênico da repartição nos meus ouvidos.*

("Visão do mundo e da vida", p. 30).

Duvidoso porque esse título nos dá a impressão de que o poeta vai falar do *mundo* e da *vida* como *categorias ontológicas*, mas o que o texto nos oferece é uma visão do *mundo* e da *vida* como *realidades históricas*, ou seja, uma descrição da monotonia do mundo e da vida *de hoje* - este mundo "estrito, sem perspectivas, / sem horizontes, sem ter para onde a gente ir", - como o atestam os pontos de referência do poema, todos eles produtos culturais da indústria de nossa era (*capa-de-chuva, guarda-chuva, galochas, sandálias japonesas, ventilador etc.*) e, mais que isso, a presença daquele verso que situa esse mundo e essa vida no nosso presente: "O mundo é um dia como esse de hoje, 28 de fevereiro de 1967".

Trata-se, claro, de um mundo desumanizado pelo burocratismo neurastenizador do último verso do trecho transcrito, onde o homem, acomodado na inércia, se dessencializa radicalmente:

*atitude espelho  
afirmação reflexo  
inafirmação de si  
inexpressão essencial*

*atitude revelação  
espelho reflexo  
reflexo desilusão  
descrédito de si*

*corpo de angústia  
desilusão da vida  
impropriedade amor  
inda assim, ser que vive.*

("poema de si," p. 87)

Aí está: o homem, "corpo de angústia", se esvazia, e é levado ao "descrédito de si", mas, "inda assim", apesar dessa "inafirmação de si", ele é um "ser que vive"; essa vida, porém, se reduz a uma sobre-vida pela "atitude espelho" desse homem, que só projeta um "reflexo desilusão" pois, na sua "inexpressão essencial", não se pode dizer que o homem *vive* - sobrevive, apenas.

A causa desse esvaziamento do homem é o esvaziamento da sociedade - a destruição das condições para o convívio harmonioso com seus semelhantes, transformados uns em adversários dos outros. Por isso, depois de comparar o mundo com um "dia chuvoso", o poeta:

*Quero uma noite longa, sem-fim, sem madrugada,  
quero uma noite sem dia,  
quero uma noite como a eternidade,  
sem o pressago e medroso apito do guarda da ronda noturna,  
quero uma noite sem ladrões,  
noite chuvosa e fria,  
quero o silêncio sem ninguém,  
quero a noite sem madrugada,  
para sedar o meu dia. (p. 36)*

A solidão se apresenta, assim, como a alternativa única de sobrevivência para esse homem, refúgio da individualidade contara uma sociedade que se equilibra sobre a contraditória base do conflito de interesses pessoais. O poeta percebe a desnaturação, acusa a sociedade industrial como agente desse processo de destruição e clama pelo retorno às condições naturais de vida:

*Quero a noite como deveria ser, uma noite bíblica, sem dia,  
venha chuvosa ou com estrelas, venha noite de sertão,  
não venha a noite artificial com iluminação a mercúrio  
para não quebrar a minha ritmia. . .  
De modernice, deixe só asfalto, meu velho companheiro de  
predestino (p. 35)*

A "noite como deveria ser" simboliza claramente o mundo humanizado, "sem ladrões" (e este verso me sugere não apenas os pequenos ladrões noturnos) e, portanto, sem a necessidade obsessiva daquele "guarda da ronda noturna", gerando um mundo frontalmente oposto ao mundo-cão da "noite artificial com iluminação a mercúrio", que apenas interrompe o compasso natural da vida humana, ao "quebrar a minha ritmia". Esse mundo humanizado, o poeta o entrevê somente fora deste nosso aqui-agora. Ele se encontra ou *no passado*, consubstanciado pela felicidade perdida da infância:

*era o helianto do jardim,  
com perfume de roseira,  
no esplendor da esbelteza do talhe.  
Não era uma mulher,  
era uma flor;  
não era um homem  
era um sol no auge da meninez. (p. 41)*

ou *no futuro* - e aqui reside toda a mensagem humanizante desta *Poesia em Dois Tempos*:

*Ainda não posso ser bom, semeado entre a inveja espinhosa,  
morando na vala dos que não são bons,  
por isso, sou mimético.*

*Quando cessar tudo isso,  
então, voarei pelos céus abertos e democráticos  
como um pássaro a aspergir doçuras evangélicas  
gorgolejando salmos. (p. 51)*

O poeta generaliza, tomando-se por símbolo do homem atual: hoje, "Ainda não posso ser bom"; convivendo com os maus, com homens confinados no seu individualismo, eu me torno, pois "sou mimético", também mau, por ação da "inveja espinhosa" produzida pela desigualdade. Amanhã, "Quando cessar tudo isso", esse homem se reencontrará com sua essência social, vivendo "em céus abertos e democráticos", livre e bom "como um pássaro a aspergir doçuras evangélicas" - acredita o poeta, apoiando a esperança lúdica da civilização do futuro.

A experiência vanguardista (já presente em exercícios lingüísticos do livro anterior, como em "Soneto de reflexão"- p. 17; "Poesia com alguma noção de morte"- p. 19; "Poema de sempre amor"- p. 61 etc.) é a nota dominante da última poesia de Rogério Bessa; nestes dois livros, a sua visão do mundo se dilui nos malabarismos em que exercita a sua habilidade verbal, fruto de uma persistente pesquisa e de um sólido embasamento lingüístico. Em *Praxiscópio*, por exemplo, o seu compromisso é menos com a mensagem que com a palavra, numa tentativa de recodificação dos signos para a construção de um idioleto, colocando o poema no plano da invenção, mas da invenção meramente verbal. Assim, temos a dissecação total da palavra, a penetração em sua intimidade fonético-semântica para extrair dela um ponto projetor, por meio de todos os recursos estilísticos utilizados pelo praxismo, particularmente a paranomásia, a assonância e a aliteração. Esse ponto projetor - núcleo vocabular da práxis - se desdobra e se prolonga em múltiplas direções, vinculadas no entanto ao fonema, mais que ao lexema, de origem, no intuito de abranger o todo da realidade poetizada sem perder as suas fontes, - como lemos no poema inicial do livro, sem paginação:

*dinâmica de cores  
não me concerne  
dinâmica descora  
com cor  
cor e luz  
são  
desilusão  
cor e luz  
diluição  
dinâmica de cor  
pó e luz  
poluição.*

No seu último livro, temos um prolongamento da experiência lingüístico-formal de *Praxiscópio*: a mesma manipulação verbal que, quase sempre, fecha o poema num hermetismo inacessível ao leitor não-iniciado. Por isso mesmo, o melhor dessa experimentação se concentra naqueles momentos em que o poeta se liberta da preocupação dominante com a forma e a linguagem e "se solta" mais, dando maior liberdade ao impulso criador - como lemos neste retrato do homem distorcido no burocratismo:

*vives noturnos de dia  
invernos vives no verão  
urdes soalheira de noite  
a noite tece teu dia*

*batendo com apreço e estima  
na memória memorando  
ama tua mais serva máquina  
que além de bater não sente*

*sentes além de bater  
grandeza de teu mister  
faze ao som teclas elétricas  
para exéquias de teu pão.*

(Poema 56)

Na verdade, o praxismo obteve a repercussão apenas necessária para um movimento de renovação. Ainda assim, muito mais no plano teórico-crítico do que no plano criativo: o movimento não contou com a co-participação de grande público, simplesmente porque o público não o entendeu. Assim, o praxismo se confinou nos seus próprios produtores, transmutados em consumidores, ou seja, em autoconsumidores, o que põe em xeque a socialidade da arte.

Creio que o melhor da poesia de Rogério Bessa se encontra nos seus poemas libertos das limitações de forma e linguagem do praxismo - um movimento (ou uma *instauração*, como pretende Mário Chamie) cuja teoria superou a prática. É em *Poesia em Dois Tempos* que temos, na mensagem e na linguagem, um poeta sintonizado com a realidade de seu tempo. Mais que isso: atuando sobre ela.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Bessa, Rogério: *Poesia em 2 Tempos* Fortaleza, Sin Edições, 1968.
- <sup>2</sup> Ibidem. *Praxiscópio*. Edição do Autor. Fortaleza, 1969. *Redescoberta de orfeu*, inédito: original gentilmente cedido pelo Autor para este estudo, pelo que lhe fico grato.

## PRAXISCÓPIO

EUSÉLIO OLIVEIRA

PRAXISCÓPIO não é um rondô linear discursivo nem um missal do saudosismo burgês-ruralista;  
é um compromisso com a MENSAGEM REINVENTADA  
uma postulação da linguagem como matéria autoconsumível em antagonismo aberto com o SERIALISMO DO CONSUMO COLOQUIAL;  
abertura e revide no campus da fala oralizada que agride a hierarquia dos valores sedimentados;  
verbo reificado apto a impor a mensagem no circuito CRÍTICO/CRIATIVO DO CONTEXTO POÉTICO;